

A Jogada

Faltam dois minutos para o fim da partida. Foi assinalado um penálti que, sendo marcado, dará a vitória à sua equipa no jogo e na *Champions*. Para ele será a Bota de Ouro e, provavelmente, a Bola de Ouro. Tudo o que sempre sonhou. Tudo o que qualquer jogador pode sonhar.

Enquanto se posiciona, olha para a baliza. É um momento de concentração. Aprendeu que aqui tem de esvaziar a mente, procurar focar-se, libertar-se da pressão e... acertar! Porém, o seu pensamento voa para um tempo distante.

De repente, o relvado torna-se o campo de terra batida onde jogava com os joelhos esfolados; as bancadas eram os prédios do bairro e os gritos dos adeptos soavam aos gritos das mães a chamarem para casa. Pensou no longo caminho que percorrera. Lembrou-se do primeiro clube da primeira liga em que jogou, da cara do treinador que os fazia treinar duas vezes por dia sob sol ardente ou frio gélido. As suas palavras duras entoaram-lhe na cabeça como um sino: “não vais ser nada se não resistires!”.

Ao longo da sua vida, estas palavras foram o seu mantra. Mais do que ao sofrimento físico, frequentemente, teve de resistir às tentações do meio. Várias vezes, foram-lhe oferecidos comprimidos que lhe tirariam a dor e lhe dariam mais resistência. Inúmeras vezes lhe disseram que era melhor falhar a finalização, vezes sem conta lhe propuseram um prémio para perder. Recusou sempre!!!

“Não vais ser nada se não resistires.” Esta resistência foi muito além da força física. Esta não se ganhava no ginásio, mas com a verticalidade de carácter. Aquele treinador mau-feitio, que passava a vida a torturá-lo, tinha-lhe ensinado que o desporto tem duas vertentes: a física e a moral. A primeira de nada valia sem a segunda. Não há vitória sem ética. Não há glória sem merecimento. Ele citava o poeta: “Quem quer passar além do Bojador tem de passar além da dor” e olhava para os jogadores com um olhar desiludido, como se soubesse que a maior parte não o conseguia entender e nunca passaria o Bojador.

Aprender a suportar a dor é mais fácil quando se tem um propósito maior. O seu era conquistar a glória plenamente, era merecer o título de melhor jogador do mundo, era ganhar sabendo que tinha sempre jogado limpo, que tinha resistido e que agora era tudo.

O apito do árbitro soou. Ganhou balanço e chutou como se voltasse a jogar no campo de terra batida no bairro. Afinal, embora estivesse a milhares de quilómetros de casa, ganhasse um salário milionário e fosse um ídolo do desporto, continuava a ser ele, o menino que só queria jogar à bola.

Marcou!!!